

DIALOGANDO COM ANA MAE BARBOSA SOBRE ARTE

Entrevista com Ana Mae Tavares Bastos Barbosa
Universidade de São Paulo e Universidade Anhembi-Morumbi

Ana Mae Tavares Bastos Barbosa formou-se em Direito na Universidade Federal de Pernambuco em 1960. Especializou-se em Educação Adulta, em 1972, nos Estados Unidos e defendeu o mestrado em *Art Education* na *Southern Connecticut State College* no ano de 1974. Realizou seu Doutorado na *Boston University* em *Humanistic Education* no ano de 1978; e Pós-Doutorado em 1982 pela *University of Central England* em 1992 na *Columbia University*. Atualmente é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo e professora da Universidade Anhembi-Morumbi, de São Paulo. Foi presidente da Internacional *Society of Education through Art*, entre 1990 e 1993, e diretora do Museu de Arte Contemporânea da USP, no período de 1987 a 1993. Publicou inúmeros artigos no Brasil, além de vários livros sobre arte e arte/educação. Recebeu o Grande Prêmio de Crítica da APCA (1989), o Prêmio *Edwin Ziegfeld* (EUA, 1992), o Prêmio Internacional Herbert Read (1999), o *Achievement Award* (EUA, 2002) e o Mérito Científico na categoria de comendador do Ministério de Ciências e Tecnologia (2003).

Esta entrevista foi realizada na Universidade do Estado de Santa Catarina– UDESC, em Florianópolis, durante o evento 9º Ciclo de Investigação do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. O objetivo foi dialogar acerca da arte/educação, da estética e sobre a Abordagem Triangular, teoria sistematizada no Brasil, na década de 80, pela pesquisadora. A Abordagem Triangular (AT) é uma teoria metodológica sistematizada em ações “a partir das condições estéticas e culturais da pós-modernidade” (BARBOSA,2012), ou seja, as ações de ler, contextualizar e fazer Arte, por meio da inserção de obras de arte nos processos de ensinar e aprender. Durante a entrevista também foi mencionado sobre a arte/educação na atualidade e sobre como o ensino acontece nas escolas e de que maneira os professores estão “fazendo Arte”, após 20 anos da sistematização da Abordagem Triangular. Essa entrevista aborda também aspectos que envolvem a formação de professores.

Entrevistadoras: A Abordagem Triangular foi sistematizada por você aqui no Brasil há 20 anos. Por que você pensou em desistir desta abordagem, conforme relatou no seu livro intitulado *Abordagem Triangular*¹ no ensino das artes e culturas visuais? Por que ficou durante esses anos sem escrever sobre esse referencial metodológico?

Ana Mae Barbosa: Já tinha quase desistido da Abordagem Triangular quando eu fui num Congresso do CLEA (Conselho Latino Americano de Educación Artística) em Medellín, na Colômbia, em 2007, no qual o Imanol Aguirre Arriaga² falou: “Se a Abordagem não tivesse sido sistematizada por uma professora do Brasil, da América do Sul, já estava ganhando o mundo.” Aí resolvi repensá-la. A gente precisa da avaliação do/com o outro. Era tudo muito instrumental no ensino da arte e na história do ensino da arte. A Abordagem Triangular permitiu aos professores mostrarem que Arte tem conteúdo. Eu acho que o fazer artístico tem conteúdo, acho que o fazer é conteúdo suficiente, mas o problema naquele instante era a guerra, o pavor do conteúdo na Educação. O desrespeito era total pelo ensino de arte, principalmente as visuais. Agora isto está mudando, aqui em Santa Catarina ainda há o predomínio das artes visuais, mas em São Paulo isto está mudando, pois naquele momento era um desrespeito total pelo professor de Arte. Diziam... Ah! Você não faz nada, você não tem que preparar aulas, você só deixa a criança desenhando ou pintando. No momento que o professor foi autorizado por uma teoria a levar a imagem para a sala de aula de Arte escolher uma imagem, trabalhá-la com os alunos, ambos, professor e aluno utilizando o verbal, conversando sobre os sentidos da imagem, buscando e atribuindo significados, aí já tem alguma coisa que os outros professores, principalmente os que só confiam na linguagem verbal, não conheciam. Um professor não conhece o que fazem os professores de áreas diferentes da sua, os outros professores não conhecem o ensino de arte, então..., e daí dizem: “Olha o que estão fazendo aí, nas aulas de arte, alguma coisa que eu não sei o que é, mas parece algo sério.” Então respeita! Essa aproximação com a imagem no ensino da arte foi muito alentadora para os professores. Recebi muitos bilhetes e e-mails de

¹ BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. (orgs). *A Abordagem Triangular no ensino de artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

² Professor do departamento de Psicologia e Pedagogia da Universidade Pública de *Nevarra*, conforme consta no livro *Barbosa, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

professores dizendo: - Agora é diferente, agora me respeitam nas escolas. A AT foi importante para dar certa respeitabilidade à área o, que eu não imaginava. Eu não imaginava que a AT pudesse conquistar respeitabilidade para a área e para o professor de Arte. Quando você joga uma coisa no mundo, é complicado, porque você não vê todas as variáveis, é impossível conhecer todas as variáveis que aquilo vai provocar.

Entrevistadoras: A Abordagem Triangular pode ser considerada uma teoria?

Ana Mae Barbosa: Fernando Azevedo, do Recife em sua recente tese de doutorado, apresenta a Abordagem Triangular como uma teoria e não como metodologia. Eu sou por várias interpretações. Alguns acham que a Abordagem Triangular é metodologia e outros que é uma teoria. Pronto, deixa achar, porém defenda sua opinião. Eu concordo que seja teoria, mostrando filosoficamente o que é teoria.

Entrevistadoras: Qual a sua visão acerca dos professores que têm receio de mudar a metodologia para o ensino de Arte e acabam utilizando em suas práticas pedagógicas desenhos prontos e estereotipados?

Ana Mae Barbosa: É expressionista mesmo, o professor acha que tudo é a liberdade da criança, que tem uma crença na virgindade expressiva da criança. Essa virgindade já foi para o ar há muito tempo com o bombardeio de imagens e, agora, com o computador, nem se fala. Mas naquela época, era uma aversão muito grande. Eu me lembro de que eu mostrei, uma das primeiras vezes que falei da abordagem foi aqui em Santa Catarina. E aí eu mostrei uma série de slides que eu tinha feito apresentando como os artistas utilizavam obras de arte de outros artistas, ou seja, a partir de uma obra de arte de um artista, outra artista recria o seu trabalho. Quando eu acabei, tinha gente assim que dizia pra mim: "Mas você é uma traidora, você nunca falou nisso, e agora vem com essa história de mostrar a obra de arte para criança, conversar com criança sobre obra de arte. Que história é essa?" Foi uma revolta total. E nessa época, eu ainda falava de apreciação, que hoje, eu já não falo mais apreciação, pois é um eterno dúvida. Escolhi usar o termo "leitura" da obra de arte na Abordagem Triangular em lugar da apreciação por temer que o termo apreciação fosse interpretado como um mero deslumbramento que vai do arrepio ao suspiro romântico. E a denominação "leitura", como utiliza agora, pode ser um comentário crítico, pois a compreensão crítica ela pode ser negativa ou positiva. A

palavra leitura sugere uma interpretação para a qual colabora uma gramática, uma sintaxe, um campo de sentido decodificável e a poética pessoal do decodificador. E a apreciação nunca vai dar certo, se for negativa e aí eu tenho medo do discurso de convencimento, aquilo ali é bom porque é europeu, aquilo ali é bom porque não sei o que é. E como é que a criança se manifesta né? Por exemplo, esse é um desenho de uma criança inglesa que está no Catálogo da Exposição que foi para o Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Esse desenho representa uma cena do cotidiano pacífica e maravilhosa, a mãe com bebezinho passeando. Nesse catálogo só tinha imagens do cotidiano, de suposta vida cotidiana dos ingleses. Os ingleses sendo bombardeados, eles estavam em plena guerra em 1941 e 1942. Em outro desenho, tem uma menina tomando chá e brincando, uma cena maravilhosa. E eu pego esse relatório, que foi organizado por um crítico dizendo do sucesso da exposição e foi mesmo, por que mobilizou muita gente, nessa época eu estudava muito o desenvolvimento da criança. E aí que foi uma festa, a exposição do Rio de Janeiro, a de São Paulo foram as mais bem sucedidas, era de ter assim...mil e tantas pessoas por semana na exposição, e olha que não era brincadeira, e eles chamaram as pessoas mais interessantes pra falar. Bom, no pensamento deles, era uma maneira de trazer a América Latina pra eles, caso precisassem de aliados na guerra.

Entrevistadoras: Há professores que não utilizam obras de arte, ou qualquer outro tipo de imagem com crianças que estudam nos anos iniciais, pois consideram complicado realizar a leitura da imagem com os estudantes menores. O que você pensa sobre isso?

Ana Mae Barbosa: Acompanhar uma leitura eu penso que sim, não é possível, é deixá-la somente fazer. O que admiro foi uma “Mirómania”³ das escolas de crianças de Educação Infantil, pensando que nessa fase elas entendem a imagem, porque Miró é uma linguagem próxima à da criança, e por isso ele seria melhor entendido. E não é. Nessa fase a criança entende melhor uma obra de arte que dê pra fazer múltiplas narrativas, entendeu? Que você narre, ela possa inventar uma história que

³Termo utilizado pela arte/educadora Ana Mae Barbosa para explicar o uso das obras do artista espanhol Joan Miró na educação infantil. Joan Miró i Ferrà foi um importante escultor e pintor espanhol. Nasceu na cidade de Barcelona (Espanha) em 20 de abril de 1893 e faleceu em Palma de Maiorca (Espanha) em 25 de dezembro de 1983. É considerado um dos maiores representantes do surrealismo. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/biografias/joan_miro.htm> Acesso em 12 jul.2015.

tenha vários elementos, várias figuras, que ela possa inventar coisas, porque a primeira fase de aquisição é a narrativa, é isso, a primeira forma de introjetar a imagem, de entender a imagem da criança. A criança é assim, ela desenha e às vezes chega o pai e diz sobre o desenho: “Olha eu e mamãe indo pra feira?” E aí, daqui a pouco, chega a mãe, e o pai diz: “Olha que coisa bonita que ela fez hoje pra você, eu e você indo à feira”. E a criança responde: “Não, não é isso não, esse desenho é eu e minha avó, estamos indo pra missa rezar.” A criança conta uma história totalmente diferente do que a primeira versão. Perguntar pra criança o que é isso ou aquilo no dia a dia, às vezes a gente se pega assim questionando os alunos. Ah, mas eu não acho isso grave não. É muito bom. Eu não acho grave perguntar. E eu vejo assim, essa diferença assim. Porque você sabe, perdeu a chance de completar o seu desenvolvimento em cada momento, em cada idade, em cada fase é muito difícil recuperar depois, porque hoje já estão falando em reabilitação. Tem que se fazer uma reabilitação, quer dizer a criança deixa de se desenvolver no tempo certo, no tempo dela. Você não aprender a ler aos sete, ou aos oito anos, se você vai aprender mais tarde, aí se trata de reabilitação, você tem que reabilitar certas funções cerebrais que já ficaram quietas, caladas, porque não aprendeu a ler, então isso é muito importante saber, que há uma perda. Que lá na frente você irá aprender! Vai. Mas há certa perda.

Entrevistadoras: Qual a importância do ensino de arte hoje? A Arte contribui para as outras áreas de formação? E sobre a formação integral qual a sua opinião?

Ana Mae Barbosa: Essa é uma das razões pela qual a Arte é importante, propiciar, participar da formação integral do ser humano. Agora vamos pra formação específica. Qual é a outra área que desenvolve especificamente a percepção? Nenhuma outra. É a área de artes que desenvolve especificamente a percepção, essa que ele vai usar nas outras áreas, por isso é importante para as outras áreas. Atualmente todas as áreas estão usando imagem como elemento facilitador do conhecimento ou para valorizar a imaginação. Ler as imagens leva a fazer descobertas através delas, entendeu? Tirar conclusões e interpretar as imagens de uma maneira melhor é importante para qualquer pessoa. Para qualquer área do conhecimento é importante interpretar. Se você criar o hábito de interpretar imagens da Arte vai refletir depois em qualquer área. Um médico, por exemplo, precisa saber interpretar imagens. Já tive experiência de ver médicos interpretando

diferentemente uma radiografia. Eu fico boba de ver como é que um médico interpreta de uma forma e o outro interpreta diferentemente e é o mesmo o osso que está lá na radiografia. Através de uma boa aprendizagem de Arte que inclua o fazer, a leitura de imagens e contextualização você está preparado para interpretar todas as imagens, a imagem da televisão, a imagem do vídeo, a imagem do cinema, e para botar uma imagem em movimento também. Até para ser segurança de aeroporto é preciso ler imagens. As embalagens dos produtos nos dizem muito acerca deles também.

Entrevistadoras: A Formação de Professores é uma temática muito discutida no contexto educacional. Quais os aspectos importantes para a formação do professor de Arte na atualidade, no seu ponto de vista?

Ana Mae Barbosa: Você pode defender a formação estética, e fazer uma tese pra isso, pra dizer: “Olha, é necessária uma formação estética, na formação inicial pelo menos”. Minha opinião é que não acontece, mas eu adoraria que acontecesse. Há vários conceitos de Estética. Para a Arte Contemporânea temos de Friedrich Nietzsche à Estética Relacional de Bourriaud⁴. Agora vamos voltar à Abordagem Triangular. Fiquei muito decepcionada com a prática da releitura como cópia. Agora já não encontro mais cópias de imagens como releitura. Mas ainda há professores que utilizam aquelas coisas horrorosas penduradas na sala de aula, para as crianças verem, copiarem, se empanturrarem de cópias numa fase de criação e descoberta das crianças. A gente está num processo de valorização da imagem. Como a Fotografia, hoje é tão barato, você pode encher a sala de fotos feitas pelas crianças. A formação do professor na atualidade é muito difícil, a tendência é sempre acrescentar mais uma disciplina no currículo. Eu acho que o currículo não aguenta mais, está sobrecarregado. Eu não digo que se deva acrescentar mais coisa ao currículo, o que falta realmente ao currículo é levá-los a pensar.

Entrevistadoras: Gostaríamos de agradecer imensamente a sua disposição para conceder esta entrevista. Para nós foi muito importante ter conhecido pessoalmente

⁴ Nicolas Bourriaud, é um ensaísta e crítico de arte francês, em *Estética relacional*, trás concepções muito introdutórias, mas relevantes para entender e debater o âmbito da arte no final da época moderna até os dias de hoje. Afirma a importância de entender as transformações históricas político-sociais ocorridas no século XX, para entender as relações que envolvem a questão da arte hoje. Disponível em <<http://viladasartes.fortaleza.ce.gov.br/wp-content/uploads/2013/01/Erika-Gomes-a-arte-relacional-modulo-7-teatro.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2015

a professora que tem um conhecimento profundo sobre Arte-Educação no Brasil e no mundo. Obrigado pela entrevista!

Entrevistada:

ANA MAE TAVARES BASTOS BARBOSA

Pós-Doutorado pela *University of Central England* e pela *Columbia University*. Atualmente é professora titular aposentada da Universidade de São Paulo e professora da Universidade Anhembi-Morumbi, de São Paulo.

Entrevistadoras:

TAÍZE DOS SANTOS BATISTTI

taize1@hotmail.com

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau

ELISIANE SAIBER LOPES

elisianesaiberlopes@yahoo.com.br

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau

MARCIA REGINA SELPA HEINZLE

selpamarcia@gmail.com

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau

RITA BUZZI RAUSCH

ritabuzzirausch@gmail.com

FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau